

A seção Raio X ganha nesse número uma versão especial, acrescentando uma reflexão sobre a crítica às discussões sobre a distribuição e ao momento da produção nacional, apresentadas respectivamente em *Primeira Fila* e *Olho Crítico*.

Raio X Especial conta com dois textos, de Otávio Pedro e Leandro Saraiva, que apresentam diferentes visões sobre a atividade da crítica num país periférico, e duas resenhas, uma sobre o livro *O Processo do Cinema Novo*, do fundamental Alex Viary, e outra sobre uma recente e preciosa entrevista da *Revista Praga*, com Ismail Xavier, o principal crítico em atividade no país.

Como sempre, o que norteia a *Sinopse* é a crença de que é preciso atacar o campo cinematográfico em suas diversas frentes, na esperança de contribuir para sua consolidação.

O piercing de aristóteles no nariz do palhaço índio

por Otávio Pedro

Puído e esgarçado, o velho tecido da dramaturgia aristotélica foi aos tintureiros da pós-modernidade: em novas cores, *fashion*, e contando com a ajuda de nossa europeizada crítica, foi alçado como bandeira revolucionária.

Mas se “nada nos é estrangeiro”, não há razões para estranhar que mesmo subversão - devidamente domesticada e acondicionada em embalagens *cool* - seja importada da Metrópole. O consenso forjado em torno de filmes como *Beleza Americana*, *Tempestade de Gelo*, *Magnólia*, *Felicidade* ou *Tudo Sobre Minha Mãe*, repetindo o fenômeno da dogmática escandinava, mecanicamente transmuta tais cinemas em paradigma para a cinematografia brasileira. Mais do que um excesso de boa vontade ou de condescendência para com o autoproclamado “cinema independente americano” e o cinema-europeu-classe-média-intelectualizada, trata-se aqui de uma operação automatizada e inconsciente, reflexo condicionado de uma situação colonial.

A desmistificação torna-se necessária, levando-nos a perguntar: quais os verdadeiros limites dos melodramas *Mundo Mix* de Almodóvar? Até que ponto não são

apenas o lado B da grande indústria cultural, cinemercadorias de verniz “alternativo” fabricadas para um segmento específico do público? É no mínimo ingênua a atitude daqueles que, requentando uma antiga ladainha dos Cahiers du Cinema, procuram *auteurs* debaixo dos lençóis da grande



indústria. Há muito o chamado “cinema independente americano” demonstra que não é outra coisa senão a antessala de Roliúdi. Sob as bênçãos da Time Warner, seus filmes estão bem longe de serem herdeiros da tradição do cinema efetivamente independente e vinculado às lutas libertárias nos E.E.U.U. (tradição que remonta aos anos 30, com os filmes da geração Workers Film/Nykino/Frontier Films) - ou da radicalidade artesanal-experimental de um Mekas ou um Brakhage.